

## **Pinóquio e David: o ser humano**

Tânia Marques da Silva

No século XVII, com a ascensão da burguesia, a noção de família ganha uma nova concepção, não mais centrada nas relações amplas de parentescos, “mas num núcleo unicelular” (ZILBERMAM, 1987, p. 13). Surge, então, o conceito de “infância”, conforme Regina Zilbermam (1987, p. 13). A criança passa a ser vista como um ser que depende socialmente, porém, detentor de um universo próprio.

A educação, principalmente a escolar, torna-se uma preocupação dessa nova sociedade. À escola cabe, então, a responsabilidade de inculcar, na criança, os valores vigentes, voltados para o capitalismo. Isto faz com que se inaugure um novo tipo de literatura, direcionada para esse universo infantil, ocupando-se em servir, simultaneamente, aos interesses pedagógicos. Nasce, assim, a Literatura Infantil. Nesta, os Contos de Fadas vem ocupar um espaço de grande importância.

Segundo Nelly Novaes Coelho, os Contos de Fadas é uma modalidade narrativa de origem celta, que incorpora a temática das “fadas” à tradição (Cf. COELHO, 1991, p. 17- 43). Povo nômade, os celtas povoaram a Europa imigrando antes mesmo do início da era cristã. Adoradores da natureza, eles viam nas mulheres o poder da magia pelo seu papel na procriação e no trato de cura com as ervas. Assim, do imaginário celta, circulavam lendas nas quais se faziam

presentes as fadas, seres míticos, dotados de poderes mágicos. Posteriormente, tal fonte foi incorporada aos romances e narrativas maravilhosas dos bretões. Coletadas no século XVII por Perrault, passaram a fazer parte dessa literatura destinada às crianças.

Fanny Abramovich afirma que, nos contos de fadas, “a magia não está no fato de haver uma fada já anunciada no título, mas na sua forma de ação, de aparição, de comportamento, de abertura de portas, na sua segurança” (ABRAMOVICH, 1991, p. 121) e acrescenta que os contos de fadas falam de medos, de amor, da dificuldade de ser criança, de descobertas, perdas e buscas. Desse modo, os contos de fadas “têm como um eixo gerador uma problemática existencial” (COELHO, 1991, p. 13).

Da infância, é comum que se tenha a lembrança de uma história fantástica, geralmente, contada por um familiar. Com o tempo, passa-se a um outro tipo de experiência, proporcionada pela leitura de um livro, ou simplesmente um filme. Dessa lembrança, pode-se destacar a história de Pinóquio, um boneco de madeira que queria se tornar um menino de verdade.

Certamente, o conhecimento prévio é imprescindível para uma leitura competente, principalmente, tratando-se de narrativas que estabelecem uma intertextualidade entre diferentes obras, quer de mesma natureza, ou não. E é da comparação entre duas obras que se ocupa este trabalho. São elas: *Pinóquio*, de Carlo Collodi, e *Inteligência Artificial*, de Stephen Spielberg.

Evidentemente, essas obras constituem dois diferentes tipos de arte, uma literária e outra cinematográfica. Contudo, o que verdadeiramente interessa são as histórias contidas nessas obras, já que elas representam dois contos de fadas.

A comparação entre obras literárias não tem nenhum valor, se seu sentido se encerra em si mesma, devendo ser entendida como um meio e não um fim, conforme Tânia Carvalhal (Cf. CARVALHAL, 1986, p. 7). Faz-se necessário que tal comparação seja sistemática, visando a aproximações e distanciamentos, tendo-se um objetivo claro que consista em a que ponto se deseja chegar e de que ponto se pode partir e que método adotar. O ponto de partida é a análise comparativa de histórias que, embora produzidas em épocas distantes e em diferentes espaços, possuem personagens que manifestam o mesmo desejo, que é o de ser humano.

A história de Pinóquio foi escrita por Carlos Lorenzini, cujo pseudônimo era Carlo Collodi, em 1881 na Itália, e se afirma como literatura de ruptura com a tradição clássica dos contos de fadas. Essa tradição consistia no contar histórias que, comumente, se desenvolviam num espaço ao redor de um reino e cujas personagens eram pertencentes à nobreza. Pode-se constatar a ruptura logo na primeira página: “ERA UMA VEZ...– Um rei! Exclamarão imediatamente os meus pequenos leitores. Não, meninos, vocês erraram. Era uma vez um pedaço de pau.” (COLODI, 1979, p. 1).

Esse pedaço de pau nas mãos de Mestre Antônio parecia já ter vida, pois dele se podia ouvir uma vozinha, que assustava o velho

carpinteiro. Certo dia, ele foi visitado por seu amigo Gepeto que estava, justamente, procurando madeira para fazer um boneco de pau, não um boneco qualquer, “mas um boneco prodigioso, que saiba dançar, brincar de espada e dar saltos mortais” (COLODI, 1979, p. 4). Tudo isso para que pudesse ”ganhar o bastante para seu pão e vinho” (COLODI, 1979, p. 4). E é nesse contexto que envolve a pobreza de um povo e a afirmação dos valores capitalistas para a sociedade que se desenvolve toda a história.

O filme *Inteligência Artificial*, que estreou em 2001, é baseado no conto de Brian Aldiss *Supertoys last All Day Long*. No filme, a sociedade mostrada corresponde à do meado do século XXI, que é assombrada por catástrofes provocadas pela destruição da camada de ozônio. O risco de fome é iminente e o controle de natalidade, rígido. A solução encontrada foi a da construção de robôs que pudessem representar uma força de trabalho, sem esgotar os recursos necessários para a existência humana. E é nesse contexto que um cientista propõe a construção de um novo tipo de robô. Alimentado por neurônios, essa nova geração de “Mecas” deveria ter a capacidade de raciocinar, intuir, sonhar e amar. Sua finalidade seria a de ocupar o espaço de filho, um filho ideal.

Assim, surgem Pinóquio e David, duas personagens criadas para suprir as necessidades dos humanos. Pinóquio, um boneco de madeira, se mostra naturalmente irreverente e logo demonstra seu desejo de liberdade, revelando seu gosto pelos prazeres da infância. Seu comportamento não era o comportamento considerado o ideal.

Diante daquele ar zombeteiro e insolente, Gepeto sentiu-se mais triste e desgostoso do que nunca e, voltando-se para Pinóquio, disse-lhe: “– Oh, seu moleque! Você ainda nem está bem acabado e já começa a faltar com respeito a seu pai? Faz mal, meu filho.” (COLODI, 1979, p. 7).

Apesar do sentimento paternal de Gepeto, Pinóquio não era exatamente o que se poderia chamar de “filho” ideal. Ele precisava ser educado, e a escola era o caminho certo. Segundo José Carlos Barcelos, a partir do iluminismo e da Revolução Francesa, “a escola converte-se no espaço de humanização por excelência. Estar fora da escola passa a equivaler a estar fora do mundo humano” (BARCELOS, 1997, p. 10). Isto comprova que a idéia de sociabilizar o ser, no caso a criança, está atrelada à concepção do termo “humano”. E era esse o destino do qual queria fugir: “Quanto a mim, já tomei a resolução de fugir amanhã ao nascer do sol, porque se ficar aqui não poderei me livrar do destino de todos os outros meninos (...), não tenho a menor vontade de aprender; é muito mais divertido correr atrás das borboletas (COLODI, 1979, p. 10).

Em sua jornada por vários lugares, os perigos eram constantes. E, em um desses, Pinóquio por pouco não escapou de ser queimado pelo diretor do teatro de fantoches. Neste instante, ele apela para a proteção de seu “pai” Gepeto, embora este estivesse longe, “Papai, papai, socorro! Não quero morrer queimado. Não quero morrer queimado” (COLODI, 1979, p. 24). Seu desespero comove o diretor que o liberta.

O encontro de Pinóquio com a fada azul ocorre em um momento em que o boneco necessita de ajuda para escapar dos ladrões, a raposa e o gato. Estes apresentam características humanas, marcando a fusão deste conto de fadas com as fábulas. A fada passa a ser sua conselheira e protetora. Para ela, Pinóquio confessa seu descontentamento com a realidade: sua forma não humana e sua condição de eterna infância, além do desejo de crescer. A fada lhe diz ser impossível, por ele ser um boneco. Mas Pinóquio insiste, “Oh, mas já estou farto de ser boneco! (...) Já é tempo de me tornar homem” (COLODI, 1979, p. 73). Após reencontrar seu “pai” Gepeto, Pinóquio passa a reproduzir os valores que lhe foram ensinados. “Lembrem-se do ditado: ‘Dinheiro roubado não se multiplica’.” (COLODI, 1979, p. 123). Outra de suas mudanças foi aceitar o trabalho como forma de suprir suas necessidades.

Durante seu sono, o bonequinho vê a fada que louva sua dedicação aos seus “pais”, Gepeto e a própria fada, socorrendo-os quando necessário. Pinóquio acorda e, ao sair da cama, se espanta ao descobrir não ser mais um boneco, “tendo se transformado num menino igual aos outros!” (COLODI, 1979, p. 126).

A princípio, Pinóquio pode ser visto como símbolo da criança natural, que ainda não está formatada pelos valores educacionais da sociedade à qual pertence. Sua irreverência, seu instinto primado do prazer, seu desejo de liberdade e de autonomia são vistos como falhas do caráter humano. Suas aventuras sempre resultam em lições nas quais lhe são afirmados valores como respeito, amizade, honesti-

dade, obediência, verdade, trabalho, necessários para a formação de um bom menino. A escola lhe é apontada como um caminho do qual não deve se desviar. O conflito de Pinóquio se dá justamente pela necessidade de absorver esses valores para obter a transformação. “Ah! se eu tivesse um pouco de coração, não teria abandonado a bondosa Fada que me amava (...) E eu não seria mais boneco” (COLODI, 1979, p. 103). Mas, ao final da história, apesar da promessa da fada de transformar Pinóquio em um menino de verdade pelo seu bom coração, isto só ocorre verdadeiramente a partir do momento em que ele se mostra consciente desses valores, que lhe são veementes afirmados.

No filme *Inteligência Artificial*, a personagem David é levada para a casa da família Swinton para substituir o filho enfermo e ser finalmente testado. Mônica Swinton programa David para amá-la, e pela primeira vez ele a chama de “mãe”. O filho do casal, Martin, se recupera e volta para casa. O menino chama David de “super brinquedo”, e, assim, ele descobre sua verdadeira identidade.

Enciumado, Martin pede que sua mãe leia para ele e David a história de Pinóquio, na qual a fada azul o abençoa em seu sonho e o torna um menino de verdade.

Durante uma festinha à beira da piscina, os amigos de Martin provocam David, afirmando a diferença entre eles. “Eu sou orgânico, você é Meca”. Logo depois, David se agarra a Martin e, acidentalmente, caem na piscina onde Martin quase morre afogado. Depois do acidente com seu filho, Mônica decide levar David para floresta e lá

o abandona. O robzinho associa o abandono à sua condição de um ser mecânico ou invés de orgânico e, para mudá-la, ele inicia sua busca pela Fada Azul, inspirado na história de Pinóquio.

David caminha pela floresta e acaba sendo capturado e levado por exterminadores de robôs até a feira das carnes. Exposto na arena, local destinado ao extermínio desses seres artificiais, ele implora por sua vida ao sentir a primeira gota de ácido atingi-lo: “Não me matem! Eu não sou Pinóquio! Eu sou David!”. Isto faz com que as pessoas se comovam. Inicia-se um tumulto que possibilita sua fuga de David e do amigo Joe.

David fala com o amigo sobre a Fada Azul, e este o leva até o Doutor Saber, que lhe mostra uma mensagem especial, implantada pelo seu criador. Tal mensagem lhe informa que ele deverá ir para a Ilha de Manhattan e procurar por Allen Hobby.

Joe alerta David para o fato de que os humanos os odeiam. Contudo, ele parte para o local indicado onde encontra o criador que lhe fala a respeito de sua criação e de seu teste, afirmando ter constatado sua superação em relação a seu programa. Porém isto não é suficiente para que lhe seja conferida a humanidade. O cientista acrescenta que acreditar em contos de fadas é “um defeito ou uma virtude humana de querer o que não é possível”. David se vê como modelo de uma construção em série e tenta fugir do prédio onde está. Tomado pelo impulso de Tântatos, David se deixa cair nas águas. Ao atingir o fundo, um cardume de pequenos peixes o conduz até o local onde suas forças se renovam. Lá, há um parque temático submerso,

que é a terra de Pinóquio, onde David encontra a estátua da Fada Azul. Ele suplica para que ela realize seu desejo. Enquanto isso, dois mil anos se passam, e a humanidade chega ao seu fim.

Ao final do filme, Mônica é clonada e, finalmente, diz aquilo que ele tanto queria ouvir: “Eu te amo”. Ela adormece profundamente, e David deita a seu lado e “vai para o lugar dos sonhos”.

Programado para ser um filho ideal, não lhe era necessária a aquisição de valores sociais. Afirmado pelo olhar do outro como um ser artificial, um “Meca”, seu objetivo era ser aceito, por isso precisava se tornar orgânico. Sua inteligência construída a partir de neurônios lhe propiciou o desenvolvimento de um comportamento singular, ou seja, dotado de autonomia. Sua capacidade análoga supera sua condição o levando a acreditar em algo que somente os humanos são capazes, as fadas, ultrapassando os limites da razão.

Dessas duas histórias, tem-se claramente uma intertextualidade em que a narrativa de Pinóquio torna-se fonte inspiradora para que David saia em busca de seu sonho. Além disto, o próprio fato de os personagens desejarem se tornar humanos é o que lhes parece solucionar seus problemas. Porém, o desfecho não é igual para ambos. Pinóquio, um boneco de madeira com forma humana, adquire mais que a aparência, o próprio corpo humano; David, um simulacro perfeito, não é contemplado com tal magia, embora ambos tenham atingido um crescimento interno de acordo com os padrões de suas épocas.

Certamente que ao fazer esta comparação, surge uma dúvida: o que é ser humano afinal? Recorrendo à Filosofia em busca da resposta, entende-se que o homem, a princípio, era definido por sua capacidade de articular a linguagem e sua capacidade de transformação. Depois lhe foi concebida a sua divisão em matéria e espírito. Contudo, nenhuma dessas visões filosóficas é suficiente para sanar tal dúvida com relação ao Pinóquio e ao David, seres dotados de um espírito humano, incluída a capacidade de articular a linguagem. No entanto, percebe-se que o que lhes falta é uma matéria originalmente orgânica, fato que os faz ocupar um espaço que consideramos “o entre lugar”. Além disto, ainda falta justificar o porquê de somente um ter sido contemplado com a magia da transformação. Como seres, ambos possuíam o que se chama de existência. Na tentativa de obter outras respostas, recorre-se ao Existencialismo. Segundo Thomas Ransons Giles, a realidade humana está ligada à forma como o ser se assume, “eu me faço humano ao compreender-me como tal” (GILES, 1979, p. 91). O autor destaca o pensamento de Sartre em que afirma ser a existência anterior à essência. Contudo, esta visão não é unilateral, ou puramente subjetiva, “ao mesmo tempo em que construímos nossa imagem, esta imagem é válida para todos; escolhendo-me, escolho o homem” (GILES, 1979, p. 92).

Segundo Roland Corbisier, a expressão *existencialismo* designa “a posição filosófica que sustenta a prioridade da existência em relação à essência” (CORBISIER, 1987, p. 85). A essência não obriga a existência. A essência do homem é a humanidade, “Não existe a

Humanidade, a não ser como característica dos indivíduos humanos” (CORBISIER, 1987, p. 86). Isto considerado como característica universal, desprezando-se as particularidades.

Não há natureza humana, mas condição humana. O homem é sempre ‘situado e datado’, embora o conteúdo de sua situação varie no tempo e no espaço. A liberdade não se exerce no abstrato, mas na situação, que pode ser assumida ou rejeitada pelo homem. (CORBISIER, 1987, p. 95)

Roland Corbisier assinala que para Gabriel Marcel assim como Jasper, “Somente no diálogo entre dois *tus* o homem se descobre e se afirma como pessoa. É por intermédio do outro que nos descobrimos a nós mesmos” (CORBISIER, 1987, p. 96). A liberdade do homem em definir-se a si mesmo é somente limitada pela visão do outro. O conceito válido não apenas para um único ser, mas para todos, torna-se menos subjetivo que coletivo.

Se no final do século XIX, o conceito de ser humano equivalia a um ser sociabilizado de acordo com os valores sociais vigentes, faz-se necessário, primeiramente, entender como tal conceito é concebido na atualidade, para que se entenda sua projeção futura.

O final do século XX é marcado pela preocupação da sociedade quanto aos avanços da tecnologia. Desde a criação do termo “*cyborgue*” (*cyborg*) por Manfred Clynes e Natan Kline, em 1960, para designar o conceito de “homem ampliado” (KUNZRU, 2000, p. 133), a possibilidade da criação de um ser mecânico à semelhança do

homem passou a ocupar o imaginário onde o homem brinca de criador e cria simulacros perfeitos.

A inferioridade da máquina consiste no fato de ela agir apenas conforme sua programação, porém, o homem teme que ocorra alguma forma de superação, e, com isso, a máquina ganhe autonomia. No filme *Inteligência Artificial*, tudo isto é evidente, constituindo uma animosidade entre homens e máquinas. E é justamente da diferenciação entre orgânico e mecânico, que separa os seres máquinas dos seres humanos, que se percebe a impossibilidade de se conferir a um ser mecânico o estatuto de humanidade, como garantia de soberania dos humanos sobre as máquinas.

Segundo Corbisier com base no pensamento de Gabriel Marcel, “A pretensão à auto-suficiência, a indisponibilidade, a confiança excessiva nas técnicas, erguem o homem contra o humano, que cumpre defender no ‘mundo quebrado’ que constantemente o ameaça” (CORBISIER, 1987, p. 96).

Assim, resta uma pergunta: não estaria o próprio homem tornando-se uma máquina, como parte de um sistema de automatização? As informações veiculadas pelas mídias não estariam programando o homem para determinados comportamentos? As próteses, os marca-passos não estariam dando artificialidade ao homem? No futuro, em que se baseará o conceito do que é ser humano?

De certo, somente no futuro, é que as respostas a essas indagações poderão ser obtidas. Até lá, talvez a sociedade já tenha elaborado um outro conceito para caracterizar o ser humano.

## Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosura e Bobices. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

BARCELOS, José Carlos. “O Portugal Contemporâneo na Literatura Infantil de Antonio Mota”. **In**: Caderno Seminal. Vol. 4. Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 1997. p. 6-14.

CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada. São Paulo: Ática, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. Os Contos de Fadas. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

COLLODI, Carlo. Pinóquio. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

CORBISIER, Roland. Enciclopédia Filosófica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GILES, Thomas Ransom. Introdução à Filosofia. São Paulo: EDUSP, 1979.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL – O filme, 2001 – Direção de Stephen Spielberg.

KUNZRU, Hari. “Genealogia dos ciborgues” **In**: KUNZRU, Hari;

ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.